

Rumo ao Primeiro Mundo

ALCIDES S. AMARAL

Envolvidos que estamos nos problemas do dia-a-dia, na inflação que insistentemente se mantém na casa dos dois dígitos e na alta das taxas de juros, pouco nos damos conta do quanto já evoluímos nos quase oito meses de governo Fernando Collor. Não que tudo sejam rosas, que não estejamos sujeitos a recaídas (as circunstâncias da queda do presidente da Petrobrás são um bom exemplo).

Que o nível atual de produção preocupa, ninguém pode negar. E que há algo errado no marketing é outro fato, pois promessas não cumpridas (a história da demissão de 360 mil funcionários é um bom indicador) se traduzem em custo de imagem e de credibilidade. Entretanto, uma viagem ao passado recente demonstra, com clareza, os avanços já obtidos.

Na época da reunião de 1989 do FMI, portanto há um ano, o Brasil gladiava-se internamente com uma inflação crescente. O futuro (que futuro?) era triste. A situação lá fora não poderia, obviamente, ser diferente. A imagem do Brasil era das mais negativas e, via de regra, associada à falta de segurança, ao drama das drogas, à fama de devedor não confiável. A reunião do FMI deixava constrangidos os brasileiros que foram a Washington, pois ficava a impressão de que estávamos perdendo o trem da história.

Enquanto a Venezuela anunciava quais bases estavam sendo plantadas para ocupar a liderança da América Latina no ano 2010, países até então quase ausentes das manchetes econômicas internacionais buscavam espaço entre os do mundo desenvolvido. A Bolívia, sim a Bolívia, dava o seu recado. Recado confirmado recentemente pelo presidente Jaime Paz Zamora que, quando em visita

ao Brasil, dizia que "a melhor maneira de ser patriota e nacionalista é atrair capital estrangeiro".

O melhor exemplo, entretanto, ficava por conta do Marrocos. Decidido a transformar seu país num tigre africano, o rei Hassam II veio a público (o **The Washington Post** deu anúncio nesse sentido) para determinar que qualquer projeto de investimento externo fosse considerado aprovado após 60 dias de seu ingresso, caso nenhuma atitude tivesse sido tomada. Ou seja, a burocracia tem 60 dias para se manifestar. Do contrário, o projeto está aprovado por decurso de prazo. Não é um bom exemplo a ser seguido?

Com este pano de fundo, os avanços do governo Collor nos parecem mais significativos. Quando vemos o País negociando novamente com o FMI e com credores privados e o presidente Collor em sua recente visita a Portugal renegar "o colonialismo político e econômico", fica a certeza de que começamos a construir hoje o futuro do amanhã.

Aquela posição de líder absoluto do Terceiro Mundo foi substituída pelo objetivo de integração ao mundo desenvolvido. A nova política industrial, a abertura para o comércio exterior e o fim (próximo) das reservas de mercado são passos importantes, de alcance a médio e longo prazo.

Anos difíceis nos aguardam, com níveis de crescimento inadequados à nossa realidade, mas é etapa a ser enfrentada e necessariamente vencida. Basta que saibamos superar com inteligência e realismo os obstáculos de curto prazo. As leis de mercado não podem ser obstruídas pelos músculos da autoridade para estarmos, finalmente, a caminho do Primeiro Mundo.

□ Alcides S. Amaral é diretor vice-presidente do Citibank.

ESTADO DE SAO PAULO

08 NOV 1990